

Pássaro da Liberdade

para Marianela Mirpuri

Uma mulher deve ser duas coisas: elegante e fabulosa.

Coco Chanel

O rosto de um homem é sua autobiografia. O rosto de uma mulher é sua obra de ficção.

Oscar Wilde

Chamar a mulher de sexo fraco é uma calúnia; é a injustiça do homem para com a mulher. Se por força se entende força bruta, então, de facto, a mulher é menos bruta que o homem. Se por força se entende o poder moral, então a mulher é incomensuravelmente superior ao homem. Não tem ela maior intuição, não é mais abnegada, não tem maior capacidade de resistência, não tem maior coragem? Sem ela, o homem não poderia existir. Se a não violência é a lei de nosso ser, o futuro está com a mulher. Quem pode fazer um apelo mais eficaz ao coração do que a mulher?

Mahatma Gandhi

Em 2019, minha querida amiga Marianela Mirpuri lançou um projeto seu, já antigo, muito pensado ao longo dos anos. Trata-se de **HERA**, uma cidade das mulheres - e desde o início me convidou para nele participar.

Já vínhamos conversando sobre esse magnífico projeto, inteiramente concebido e pensado por ela. Naturalmente, não se trata de uma cidade "para" as mulheres, um lugar de exclusão dos homens - pois tal não faria o menor sentido.

Afinal, casada com Zeus, Hera não era apenas a deusa Grega das mulheres - era também a deusa da família, do casamento e do nascimento das crianças.

A **HERA** também será uma cidade, mas já é e será muito mais. Para

além da cidade propriamente dita, **HERA** reúne em si diversas outras iniciativas, que vão de perfume a projetos sociais, de projetos de comunicação ao design, da moda ao cinema, à habitação ou a literatura.

Mas, se por um lado há projetos inclusivos e integradores como a **HERA**, por outro lado movimentos político sociais espalhados um pouco por todo o mundo, particularmente neste início de milénio, têm procurado separar as pessoas, criar conflitos, dividir - como se tais divisões fossem algo natural, como se delas pudesse nascer, automaticamente, um mundo melhor.

O objetivo da Marianela Mirpuri nunca foi o de dividir, mas sim o de unir.

Todos nós homens temos uma parte feminina em nossas almas, e as mulheres também têm no seu profundo ser algo de masculino. Partilhamos o mesmo mundo, os mesmos sonhos, os mesmos prazeres, sabores e amores. Até em termos bioquímicos essa dinâmica é a mesma.

O genial antropólogo Ashley Montagu, que viveu entre 1905 e 1999, dizia que o papel da mulher era o de ensinar o homem a ser humano. Ele tinha toda a razão. Nossas mães nos ensinam isso desde antes do primeiro momento. Pois a palavra "humano" partilha com "húmus", terra, uma mesma origem etimológica.

"Humano" e "húmus" se lançam às expressões Indo-Europeias **dhghomon* e **dhghem*. Mas, enquanto a primeira indicava as ideias de "gentileza, polidez, refinamento", dignas daquilo que é humano; a segunda era a ideia de deus, das arrebatadoras forças da terra, da gênese, do nascimento e, portanto, da descoberta.

Uma é forte abstração. A outra é pura raiz.

Para o escritor Henry Miller - autor de celebradas e malditas obras como *Trópico de Câncer*, *Trópico de Capricórnio*, *Sexus*, *Plexus* e *Nexus* - o homem é um ser abstrato, ligado à matemática, às estrelas, enquanto que a mulher é um ser profundamente intuitivo, mergulhado nas raízes da própria existência.

Assim, a origem de "húmus" está ligada à ideia de deus - e é essa dimensão divina, do nascimento, da gênese, que caracteriza a mulher. E é com essa dimensão divina que a mulher ensina o homem a ser humano.

Ambas as palavras Indo-europeias geradoras de "humano" e de "húmus" nascem de uma raiz comum, mais profunda, **D* que significava "luz", de onde temos a nossa palavra "esplendor".

Por isso, seguramente, Coco Chanel dizia que "uma mulher deve ser duas coisas: elegante e fabulosa". Afinal, o significado etimológico da palavra "elegante" indica "aquilo que é eleito, escolhido", aquilo que se destaca de

um todo. E "fabuloso" surge de "fábula" - do Indo-Europeu **bha*, como as nossas primeiras articulações fonéticas ainda com pouco tempo de vida, significando "falar, contar histórias" - e que nos conduz imediatamente aos contos das *Mil e Uma Noites* com Scheherazade - uma das obras mais femininas de sempre.

E, também por todas essas razões, Oscar Wilde não hesitaria em afirmar que "o rosto de um homem é sua autobiografia. O rosto de uma mulher é sua obra de ficção", pois enquanto um homem é geralmente ação abstrata que conta uma história do Narciso, portanto biográfica; uma mulher é a imaginação ligada à terra, ficção que nos revela o amor.

Não podemos nos esquecer de que Narciso era um caçador, masculino, e Eco, ninfa da montanha, era uma deliciosa personagem feminina.

Hegel seguramente teria gostado de discursar sobre essa condição. Mas não! Essa diferença não acontece em superações dialéticas, através de conflitos. Um está dentro do outro integralmente - algo que apenas a física quântica seria capaz de mais tarde nos revelar.

Trata-se de uma visão sobre homens e mulheres - eles fortemente abstratos, elas profundamente integradoras - onde o mais interessante está na fusão desses mundos, gerando aquilo que o universo quântico e a lógica do "terceiro incluído" de Lupasco nos ilumina.

Aqueles que vêem o conflito, a divisão entre opostos, estão separados - mas não são mundos diferentes, pois o que negamos no Outro é algo que combatemos em nós. São, entretanto, espíritos pertencentes a uma lógica mecânica do passado.

Antes que me venham condenar por não defender terceiros, quartos, quintos ou mais géneros sexuais - que acontecem no mundo do pensamento - devo alertar para o facto de não excluir qualquer forma de articulação desses universos e que, em última instância, e apesar da sua aparente variedade, eles apenas nos indicam as duas leis essenciais da termodinâmica, sem julgamentos de valor.

Com grande razão, John Cage dizia que os seres humanos formam muito "tipos" ou "famílias" diferentes, independente do género sexual. No final dos anos 1980 conversamos longamente sobre isso durante um dos nossos deliciosos almoços e eu disse que a classificação biológica e essa complexa rede de variações, para além do género, formavam um sistema não-linear. John estava mais focado sobre aquelas variações, que nos fazem encontrar pessoas ao longo da vida e nos identificarmos com elas, como se pertencêssemos a uma mesma "espécie humana", diferente das outras. Por essa razão, também há uma grande quantidade de pessoas com as quais não temos qualquer identidade, como se fossem "de outro planeta". O que

me fascinava era a articulação entre essas duas grandes dimensões do humano. A biologia conferia uma certa unidade entre todos nós.

Assim, **HERA** é um projeto para a dimensão feminina - que só existe com a masculina - e na qual temos uma gigantesca diversidade de mundos.

Uma das coisas que sempre me impressionou profundamente foi o homem ter se considerado superior à mulher... certamente por ser mais forte fisicamente! Isso é uma estupidez sem limites!

Não pode haver superioridade entre seres diferentes, assim como não pode haver amor entre absolutamente iguais.

Somos diferentes e iguais. A dimensão da diferença elimina a possibilidade de superioridade; enquanto que a igualdade, mesmo se relativa - estabelecida por aquilo que conhecemos - torna possível o amor.

Uma pessoa pode amar sem ser correspondida mas, num tal caso, tratar-se-á de um amor narcisista, ao contrário do que se pensa em geral. Aquele que ama sozinho, ainda que seu objeto aparente seja o outro, está amando a si próprio.

A palavra "love" nasceu do Indo-Europeu **leubh* que nos apontava para as ideias de "cuidado", de "desejo", de "amor", gerando ainda o termo *libido*.

Ainda em tempos pré-históricos, o antigo sentido da expressão Latina "amare" - que gerou muitas palavras que designam "amor", como o Francês "amour" ou o Português "amor" - indicava a ideia de "ligação", de "união", de "cuidado" e como se pudesse ser surpreendente, a raiz **K*, base essencial da palavra, revelava a imagem de um movimento cósmico, que a tudo envolvia.

Não é isso o que sentimos quando estamos apaixonados?

Pode-se negar a paixão entre os seres humanos?

Assim, uma cidade das mulheres também é uma cidade dos homens. Uns estando dentro dos outros.

Nesse fabuloso contexto, no final de 2019, Marianela Mirpuri me convidou para criar, no âmbito da **HERA**, um **Observatório para o Futuro da Humanidade**, como venho fazendo desde os anos 1980.

O desafio dizia respeito a um projeto através do qual fosse possível observar livremente o mundo, sem barreiras ou molduras ideológicas de qualquer natureza, para cada pessoa poder estabelecer, de forma

independente e livre, uma concepção mais profunda do mundo em que vivemos.

Como uma das exigências básicas do projeto era a ausência de qualquer tipo de perseguição ou vigilância ideológica, decidiu-se excluir a política partidária e as religiões institucionais. Afinal, sendo livre, não poderia haver qualquer tipo de proselitismo.

Todas as opressões humanas ao longo de milhares de anos tiveram a eliminação da liberdade como fundamento primeiro.

A História nos mostra, com grande exuberância, que quando há a proibição de pensamento, de manifestação de ideias - aquilo que pensamos e aquilo que manifestamos - o desastre, social e económico, está assegurado.

A palavra "observatório" - que historicamente passou a estar intimamente ligada à observação dos fenómenos astronómicos, do cosmos - surgiu do Latim *observare*, "observar" em Português, que por sua vez surgiu da fusão da partícula Latina *ob* - significando "para", "em direção a algo" ou "sobre algo", e a velha raiz Indo-europeia **ser* que indicava a ideia de "proteger".

Por essa via, o antigo significado etimológico da palavra "observatório" literalmente nos diz de algo que está "orientado para a proteção". Uma vez mais, essa orientação nos faz lembrar, imediatamente, a condição feminina. Não é a caça, mas a cura.

De forma inesperada por muitos, a ideia de *observatório* guarda, nas suas mais antigas raízes, o princípio do cuidado, da cura, da atenção, que inevitavelmente implica o futuro. Afinal, não se cuidará de algo se não se estiver pensando no futuro!

Por outro lado, isso não significa que um observatório trate de qualquer tipo de *futurologia*. Pelo contrário! Cuidamos do futuro compreendendo mais profundamente o presente e o passado - particularmente aquilo que, no presente, é mudança, descoberta e invenção.

Nunca podemos nos esquecer de que o presente é uma espécie de síntese complexa e não-linear do passado, e que não há novo sem aquilo que o precedeu. Se algo for "totalmente" novo, será outra coisa.

Desse modo, a ideia de um **Observatório para o Futuro da Humanidade** indica um conceito preciso: algo, uma condição, um projeto através do qual elementos do presente que podem ter impacto sobre a realidade futura são observados e analisados.

Entretanto, devemos sempre ter em mente que o presente é tudo aquilo que conhecemos, tudo o que nos forma, e que, muitas vezes, muito do

que indica o futuro se encontra "invisível" no nosso quotidiano, sem nos darmos conta.

Desde os anos 1980 tenho desenvolvido e trabalhado nesse tipo de projeto, com "observatórios".

De 1987 a 1996, durante cerca de dez anos, fui um dos coordenadores do primeiro festival de video arte e arte eletrónica do mundo no Monte Verità, em Locarno, Suíça, junto a René Berger, Rinaldo Bianda e Lorenzo Bianda. René Berger foi um dos mais fascinantes filósofos do século XX, um espírito genial e um inesquecível amigo. Juntos realizamos vários projetos ao longo de mais de vinte anos.

O Festival de Locarno realizava também um Encontro Internacional de pensadores, uma espécie de simpósio que se definia como um verdadeiro observatório do mundo. Em ambos, contamos com a participação de grandes personalidades como Nam June Paik, Francis Ford Coppola, Basarab Nicolescu, Bill Viola, Edgar Morin, Daniel Charles, Joseph Brenner, Pierre Levy ou Pierre Restany entre muitos outros.

Em 1990 conheci, em Milão, Lucrezia De Domizio, Baronesa Durini. Genial articuladora de artistas e pensadores, ela tinha sido responsável por boa parte da carreira de Joseph Beuys nos seus últimos anos de vida. Ficamos muito amigos e imediatamente comecei a participar do seu jornal RISK Arte Oggi, lançado naquele ano de 1990. RISK Arte Oggi foi, seguramente, o mais importante jornal e revista de arte e cultura na Europa naquele período. Era um fabuloso observatório planetário na forma escrita que contava com a participação de personalidades como Harald Szeemann, Pierre Restany, Bruno Munari, Bob Wilson, Saverio Monno, Lina Wertmüller, Max Lüscher, Umberto Eco, Carlo Ponti, Philippe Queau, Renzo Piano e Gillo Dorfles entre muitos outros.

No início dos anos 1990, criei em Lisboa - com Berger, Rinaldo e Lorenzo Bianda - o primeiro Euro Video Festival, que contava também com um observatório planetário onde, para além de René Berger, contamos com a participação do físico quântico Basarab Nicolescu, da musicóloga Laura Kuhn ou do físico José Mariano Gago entre outros.

Em meados dos anos 1990 participei da criação daquele que viria a ser o protótipo da primeira universidade na Internet, em parceria com a UNESCO e com a École Polytechnique de Lausanne, com René Berger, Edgar Morin, Madeleine Gobeil, Basarab Nicolescu e Joseph Brenner entre outros. O projeto se chamou *Observatório do Futuro*.

Em 2003, Lucrezia De Domizio me apresentou ao médico e colecionador de arte Alberto del Genio. Ficamos imediatamente amigos e criamos, naquele mesmo ano uma Academia de Artes, Música, Ciência e

Filosofia na Punta Campanella, Costa Amalfitana, entre Positano e Sorrento, lugar descrito por Homero como sendo o local de encontro de Ulisses e as Sereias. Esse projeto foi caracterizado, desde o seu início, por um programa de um observatório transdisciplinar numa escala mundial.

Dois anos mais tarde criei outro observatório, desta vez na cidade de Trancoso, em Portugal. Contamos então com a participação de Dan Shechtman, que recebeu o Prémio Nobel de Química de 2011 pela sua descoberta dos quasicristais. Também tivemos a participação de Roy Ascott, Lester Brown, António Cerveira Pinto ou Gyorgy Darvas entre muitos outros.

Esses foram alguns dos projetos-observatório que criei ou ajudei a criar ao longo dos anos.

Sensibilizada pela Marianela Mirpuri, a Câmara Municipal de Cascais, pelas mãos do seu presidente, o Sr. Carlos Carreiras, determinou a célebre Casa de Santa Maria como sede do **Observatório para o Futuro da Humanidade**. Trata-se de um emblemático edifício da cidade, construído em 1902, projeto do arquiteto Raul Lino.

A ideia inicial era reunir em Cascais, todos os anos, alguns dos mais brilhantes cientistas e pensadores do planeta, e os colocar em contato direto com as pessoas para que pudessem, através das suas experiências e descobertas, observar a realidade em que vivemos.

Tudo estava preparado quando o mundo foi surpreendido pelo Covid-19, paralisando e confinando em suas casas cerca de quatro mil milhões de pessoas em todo o planeta num *lockdown* que atingiu noventa países.

Pesadas regras de distanciamento social foram impostas pelos governos de todo o mundo, inviabilizando o programa inicial do **Observatório para o Futuro da Humanidade**.

Um pouco por todo o lado, várias entidades culturais passaram a realizar eventos virtualmente, através de computadores e redes de comunicação em tempo-real. Mas, isso fez com que as pessoas ficassem inevitavelmente isoladas umas das outras e a quantidade desses eventos logo se tornou gigantesca.

Fazer os encontros através de uma estratégia virtual seria criar mais um evento igual aos milhares que se sucediam, tendo as pessoas distantes, o quê não fazia qualquer sentido, porque um dos objetivos do observatório era tornar cada pessoa num observador livre em interação direta com filósofos, cientistas, artistas, músicos e pensadores.

Isso deixou, pelo menos durante algum tempo, de ser possível.

Mas, mudam-se os tempos e tudo é feito de mudança.

Paralisadas em suas casas, as pessoas passaram a viver uma

situação inédita em toda a história da Humanidade.

O questionamento dos ideais da liberdade surgiu um pouco por todo o lado. Em nome de uma segurança sanitária, o direito constitucional de ir e vir foi suspenso - mas, os argumentos para essa suspensão eram muitas vezes contraditórios e pouco consistentes. Os dados estatísticos eram, muitas vezes, incoerentes com as medidas draconianas adoptadas pelos vários governos.

A verdade, o significado daquilo que se dizia, nas conversas comuns do dia a dia, passou a ser cada vez mais questionado por milhares de milhões de pessoas.

Surgiram grupos políticos que, na pretensa defesa da dignidade de minorias, estabeleceram regras de proibição de comportamento e até mesmo a interdição de palavras e frases.

Tal como os jogos de soma zero e de soma não-zero e os dois princípios essenciais da termodinâmica, conhecemos dois tipos de liberdade: a positiva e a negativa.

A liberdade positiva é aquela defendida por Hegel, que caracterizou a Humanidade até ao surgimento do Milagre Grego em torno do século VI aC. Ela significa podermos fazer aquilo que quisermos, livremente.

Mas, a fabulosa revolução Grega, que inaugurou o que chamamos de Estado de Direito, o espírito da democracia ou o princípio da presunção de inocência entre outros pilares civilizatórios, estabeleceu pela primeira vez na História um outro tipo de liberdade, que é criada quando cada um de nós é capaz de estabelecer as suas próprias fronteiras, os seus limites de direitos, de forma a garantir a liberdade do outro. É o que nos diz o velho provérbio: *o meu direito termina quando começa o direito do outro*. Trata-se da liberdade negativa, quando cada um de nós, autonomamente, limita a sua liberdade em respeito ao próximo, sem necessidade de uma autoridade superior, de natureza despótica ou policial.

Arthur Schopenhauer dizia que "podemos fazer o que queremos, mas não podemos querer o quê queremos". Ele pensava na liberdade positiva. De uma ou de outra forma, a liberdade positiva é sempre condicionada por algo superior. Por isso, os Islâmicos, por exemplo, recusam-se a aceitar que possa existir liberdade. Para eles, todos os seres humanos são, de alguma forma, escravos. Mas, se não podemos querer o quê queremos, como dizia Schopenhauer, podemos querer o que não queremos... podemos desenhar o nosso território de liberdade.

Como é fácil compreender, um elemento essencial para que possamos estabelecer a liberdade negativa é a verdade, é conhecermos o mundo. O

conhecimento direto é uma ilusão. Nunca conhecemos diretamente as coisas, mas sim através do que já antes conhecíamos. Isso acontece tanto no mundo das ideias como até mesmo em termos neurológicos. É o que Werner Heisenberg, e antes dele Emanuel Kant, dizia quando afirmava que aquilo que conhecemos é a nossa forma de conhecer.

Assim, aquilo que chamamos de conhecimento - mesmo quando se trata de uma descoberta - implica uma construção, e essa construção é fundada na liberdade.

Sem esse conhecimento, não podemos nos auto-regular e os princípios do Estado de Direito e da democracia estarão condenados ao desaparecimento sob o jugo de uma tirania - ainda que ela pretenda se justificar com intenções de salvação universal, com alegados princípios de bondade, de proteção ao humano e à Natureza.

Por isso, as liberdades de pensamento e de expressão são tão fundamentais. Sem elas, não há aquilo a que chamamos de *civilização*.

Há ainda outro fenómeno extremamente interessante acerca da liberdade.

Enquanto a liberdade positiva - que designa a ausência de limites na ação humana - implica a tirania e uma limitação no mundo das ideias; a liberdade negativa - que significa uma auto-limitação no campo da ação - exige a ausência de limites na elaboração do pensamento e na sua manifestação.

A afirmação "desaprovo o que você diz, mas defenderei até a morte seu direito de o dizer" - equivocadamente atribuída a Voltaire, é um célebre exemplo desse fenómeno. De facto, essa afirmação foi escrita pela escritora Britânica Evelyn Beatrice Hall, que viveu entre 1868 e 1956, no livro *The Friends of Voltaire*, publicado em 1906 sob o pseudónimo de S. G. Tallentyre.

A ideia atribuída ao filósofo Francês não dizia respeito à ausência de limites na ação humana, como o assassinato, a violência sexual ou a tortura, por exemplo. Ela indicava a liberdade negativa, para a qual o conhecimento livre, mesmo com todas as suas aparentes contradições é essencial.

Somente com o livre-pensar podemos estabelecer os fundamentos daquilo que cada um de nós acredita e, assim, dotar-nos de capacidade para podermos, livremente, desenhar o nosso próprio "território de liberdade" de forma a não ofendermos o direito do outro.

A inquisição da Igreja Católica, o *apartheid*, o nazismo, as tiranias fascista e comunista, as perseguições políticas e a submissão da mulher como ser inferior ao longo de milhares de anos apenas aconteceram porque não havia liberdade de pensamento e de expressão. Se houvesse, essas

loucuras coletivas jamais teriam durado muito tempo e as armas dos déspotas jamais teriam calado tantos milhões de pessoas ao longo de tantos séculos, porque até mesmo os tiranos são suportados por seres humanos que, por mais corruptos que possam ser, terão entre si aqueles que em algum momento se tornarão conscientes.

Mesmo que não haja verdade, mesmo que as pessoas sejam manipuladas por informações mentirosas, a liberdade de expressão desencadeará na sua expansão de pessoa a pessoa um contínuo tecido de descoberta, que tenderá, mais cedo ou mais tarde, a restabelecer a verdade.

Por isso, todos os regimes ditatoriais limitam de forma radical a liberdade de expressão, naturalmente sempre em nome da pretensa defesa do bem estar e da segurança de todos.

Aqueles que, intencionalmente ou não, confundem liberdade com exploração do outro, com crime, como é típico nas referências ao *laissez-faire*, pensam enquanto liberdade positiva - não compreendem o sentido da liberdade como elemento essencial da civilização.

Quem não acredita no princípio a liberdade negativa, não acredita no outro, não acredita no humano como responsável.

É terrível viver sob o jugo da tirania. A liberdade implica sempre, inevitavelmente, o respeito de cada pessoa em relação ao seu próximo - e é, para além da eleição livre, a condição por excelência da democracia.

A paralisia forçada pela praga do século XXI intensificou um interessante e assustador fenómeno a nível mundial, que ficou conhecido como o "politicamente correto".

"Politicamente correto" significa literalmente alterar a verdade, mentir, de forma a não ofender alguma pessoa ou grupo de pessoas, ainda que a mentira possa comprometer até mesmo a verdade histórica.

Nenhuma pessoa normal pode ser a favor do *apartheid*, por exemplo, mas isso não lhe dá o direito de negar a história.

A memória é um instrumento civilizacional essencial. É apenas através da memória que podemos nos conhecer e nos criticar. Ela é o instrumento de descoberta e de mudança. Sem a memória estaríamos condenados a um estado de amnésia coletiva e todas as misérias de todos os tempos ficariam livres para serem relançadas por novos espíritos tirânicos. Aquilo que dizemos dos "direitos inalienáveis" de cada um apenas existe porque há memória.

Assim, não há justificação aceitável para o "politicamente correto".

Para além de tudo, o "politicamente correto" é a negação da Declaração Universal dos Direitos Humanos, publicada pelas Nações Unidas

em 1948, como sua Resolução 217, no Palais Chaillot, em Paris - Carta de Direitos adotada direta ou indiretamente por todos os cento e noventa e três membros das Nações Unidas.

O princípio do "politicamente correto" contraria a Carta logo no seu preâmbulo, quando determina que os "os seres humanos devem desfrutar de liberdade de expressão e de crença..."; e, ainda mais especificamente o seu Artigo 18, que determina: "Toda pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito inclui a liberdade de mudar sua religião ou crença, e liberdade, sozinho ou em comunidade com outros, em público ou privado, de manifestar sua religião ou crença no ensino, prática, adoração e observância"; ou o Artigo 19: "Toda pessoa tem direito à liberdade de opinião e de expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de buscar, receber e transmitir informações e ideias por qualquer meio e independentemente de fronteiras".

Assim, os defensores do "politicamente correto" negam o ponto mais elevado do direito internacional, até ao momento sem paralelo na História da Humanidade, resultado de milhares de anos de guerras e destruição, de séculos de reflexão e de luta pela liberdade e pela dignidade humana - e contrariam ideias de grandes pensadores, como Nelson Mandela quando dizia, referindo-se à Carta das Nações Unidas: "Negar às pessoas os seus direitos humanos é ameaçar a sua própria humanidade".

É natural que não se possa defender a "falta de educação", o desrespeito em relação ao próximo ou ao mundo em que vivemos. Afinal, essa "polidez" está na raiz do "humano". Mas, enquanto que a "boa educação" e o respeito são condições da liberdade negativa, o "politicamente correto" pertence ao universo da tirania.

O "politicamente correto" se baseia, muitas vezes, na afirmação de que a verdade histórica pertence a grupos específicos de poder. Mas, essa afirmação pertence ao princípio da liberdade positiva, dos tiranos. Não é um pressuposto universal. Ela não acontece quando há liberdade de pensamento e de expressão.

O princípio segundo o qual a história é sempre escrita pelo vencedor, dita por Hermann Göring - equivocadamente atribuída a Winston Churchill - não é aceitável. E não permitir que a história seja escrita pelo vencedor é o trabalho por excelência de historiadores e jornalistas sérios. Na verdade, Göring disse durante os julgamentos de Nuremberg: "O vencedor será sempre o juiz e o derrotado será sempre o acusado".

Até mesmo Karl Marx disse algo semelhante quando, em 1873, afirmou que quando surgia uma crise, não se tratava de "uma questão de saber se este ou aquele teorema é verdadeiro, mas se soa bem ou mal, agradável ou não à polícia, se é útil ou prejudicial ao Capital".

Isto é, o importante seria o objetivo político da afirmação e não a sua verdade histórica porque, segundo esse princípio, a verdade histórica não poderia existir.

Quanto à citação atribuída a Churchill, ela não aconteceu. O que houve foi uma das suas famosas brincadeiras com palavras. No dia vinte e três de Janeiro de 1948, na Câmara dos Comuns, Churchill disse: "Por minha parte, considero que será muito melhor a todos deixar o passado para a História, especialmente porque eu me proponho escrever sozinho essa História".

De uma ou de outra forma, o pensamento que diz sobre a verdade como "escrita pelos vencedores" já existia muito antes e foi sendo repetido ao longo dos séculos, tomando novas formas e sempre indicando a ideia de que a verdade pertence ao detentor de poder.

E, uma vez mais, é fácil de perceber que tal apenas pode ser verdade onde não há liberdade de pensamento e de expressão.

Em diversos países, vários grupos de interesse político foram determinando palavras que poderiam ou não ser ditas, com a ingénua - para dizer o mínimo - pretensão de defender os seus membros, como a defesa de minorias frágeis.

Mas, se aparentemente essas proibições eram caracterizadas pelo nobre e louvável objetivo de proteger pessoas, torná-las impermeáveis à ofensa e à humilhação, o que elas fizeram, de facto, foi eliminar a liberdade, sem a qual não constituímos a diferença e, com ela, a consciência.

E vale sublinhar: todas as sociedades que foram dominadas por esse tipo de proibição, tornando palavras e pensamentos em tabus, mergulharam inevitavelmente no desastre económico - porque economia é linguagem e conhecimento.

Outro aspecto fundamental, que tantas vezes passa eludido pelos próprios factos é a paz.

Falamos da paz muitas vezes automaticamente, sem pensar, sem refletir sobre o seu significado.

Tomamos a paz como período de calma, associamo-la com a amizade, com o amor. Mas, pode não haver paz mesmo em tempos de calma, quando a amizade e o amor estão presentes. Basta observarmos a vida cotidiana para nos darmos conta disso.

Novamente, um rápido mergulho nas origens da palavra poderá nos iluminar a questão.

A palavra "paz" surge do Indo-europeu **pag*, que indicava a ideia de uma espécie de "prisão" mútua, onde uma parte está "obrigada" à outra - do qual também surgiu a nossa expressão "pacto".

Paz e pacto partilham origens comuns.

Não há paz sem algum tipo de "pacto", sem alguma espécie de concordância que cria fortes laços de associação através dos quais nos prendemos de forma mútua e voluntária.

E pela sua própria natureza, o pacto apenas pode existir se houver respeito à verdade, à transparência, à liberdade.

Portanto, em qualquer escala que queiramos considerar - a vida de um casal, a relação entre amigos, o dia a dia de uma empresa, a relação entre as pessoas nas ruas de uma cidade, o comércio, a educação - a verdade e a transparência são os pilares essenciais da paz.

O cerceamento da verdade e da liberdade é a condição básica da guerra, do conflito.

A pandemia provocada pelo Covid-19 tornou impossível, pelo menos até que o mundo volte à normalidade que conhecíamos, o programa inicial que caracterizaria o **Observatório para o Futuro da Humanidade**.

Então, decidi criar uma espécie de "canal" na Internet, de livre acesso a todos, que divulgaria informação aberta sobre o humano, das artes às ciências, da medicina à música, da filosofia à tecnologia.

Ao mesmo tempo, dediquei-me a escrever um pequeno livro que funcionasse como marco histórico do projeto e que pudesse tornar cada pessoa num observador. Essa é a origem do **Pássaro da Liberdade**, este pequeno livro dedicado à Marianela Mirpuri.

Tanto o "canal" na Internet como este livro são partes do **Observatório para o Futuro da Humanidade** que, por sua vez, está integrado ao projeto **HERA**, criado e dirigido pela Marianela Mirpuri.

Este pequeno livro está distribuído internacionalmente pela Amazon. Também se encontra, gratuitamente, na academia.edu - uma plataforma para acadêmicos de todo o mundo com o objetivo de facilitar a livre circulação de artigos de pesquisa e trabalhos de reflexão, como forma de acelerar a pesquisa e a investigação numa escala planetária.

O livro é composto por dois campos - um visual e outro literário.

Para este livro, coligi cento e oitenta imagens relativas aos últimos cerca de cinco mil anos de História, que foram distribuídas aleatoriamente constituindo três conjuntos de oitenta imagens cada um. Essas imagens foram combinadas, uma vez mais utilizando operações de acaso, e geraram oitenta gravuras digitais - que são uma parte fundamental do livro, mas que

também podem existir independentemente dele.

Trata-se de gravuras misteriosas, com informação por vezes oculta, não verbal, para ser descoberta pelo leitor. A complexidade das montagens faz com que a descoberta não seja evidente, refletindo a estrutura mental de cada pessoa.

São convites para a descoberta e reflexão.

Então, numa operação totalmente independente, *mergulhei* na minha biblioteca e busquei - um pouco aleatoriamente - obras de diversos autores que cobrissem cerca de três mil anos de História. Eram meus livros, que me acompanham desde a adolescência.

Abri-os também um pouco ao acaso e copiei aquilo que durante os últimos cerca de cinquenta anos neles eu tinha sublinhado. Frases, pensamentos dos mais diversos autores. Reuni cento e sessenta fragmentos.

São fragmentos que estabelecem, num certo sentido, uma profunda ligação com a minha alma, com algumas das ideias que a foram formando ao longo dos anos.

Haverá certamente apenas uma exceção, aos pensamentos de Carl Sagan, que recolhi junto às suas emissões de televisão, que via quando era jovem.

São, portanto, muito mais que uma simples coleção de citações.

Esses pensamentos, foram distribuídos, também aleatoriamente, pelas páginas que estariam opostas às gravuras. O tamanho das letras também foi determinado através de operações de acaso.

Então, coligi oitenta palavras-tabu, isto é, oitenta palavras "politicamente incorretas", proibidas.

A distribuição pelas páginas também foi feita de forma aleatória, sem qualquer tipo de intenção.

Agora, quando lemos os textos, percebemos por vezes a emergência de uma estranha rede de relações entre as ideias, e entre elas e aquelas palavras-tabu. Palavras que reforçam ou negam afirmações, fazendo-nos questionar sobre o que lemos.

Essa estranheza, que por vezes está presente também entre as frases, mas que emerge mais particularmente com as palavras-tabu, revela-nos não apenas o absurdo da sua proibição como também a natureza do uso que por vezes se faz de certas expressões, intencionalmente, contrariando e negando o seu significado histórico.

Em respeito à integridade dos autores, não alterei qualquer palavra.

Por exemplo, quando um autor escreve "homem" para designar "ser humano", manteve a forma original.

Lidamos, portanto, com duas faces coerentes de uma mesma moeda. Se por um lado a proibição de certas palavras nos limita a liberdade e distorce a verdade, negando factos históricos; por outro, o uso intencionalmente equivocado de outras palavras - dando, por exemplo, a adjectivação de libertários a tiranos totalitários - intensifica a distorção histórica.

Vivemos um fenómeno que parece consolidar a ideia do fim da História - não a ideia Hegeliana defendida por Francis Fukuyama, mas o fim da História produzido pela super informação, como tenho escrito desde os anos 1980.

Aqui, este pequeno livro, revela-se como uma espécie de oráculo sem perguntas ou respostas. Um misterioso oráculo do *zeitgeist* onde, no emaranhado labirinto da informação, cada um lê a si próprio, aquilo que conhece, desenhando uma revelação contínua.

A palavra "oráculo" indicava o processo de mágica revelação em resposta a uma pergunta.

Entretanto, agora não há mais perguntas ou respostas específicas, e sim a livre observação daquilo que somos cada um de nós enquanto cultura, enquanto civilização.

Algo que nos aproxima da concepção de tempo que os antigos Gregos chamavam de *kairos* - tal como se estivéssemos numa nave espacial, a admirar o nosso pequeno planeta.

Por isso, o livro pode ser lido como se desejar. Pode-se abrir ao acaso, seguir uma linha diacrónica ou estabelecer qualquer tipo de percurso. A ordem, então, é a do leitor e do momento.

O **Observatório para o Futuro da Humanidade** foi pensado para o mundo. Por isso, desde o início, foi estabelecido o Inglês como língua oficial.

A escolha do Inglês como língua oficial não é um desrespeito a Portugal. Pelo contrário, o **Observatório para o Futuro da Humanidade** é um projeto que, tal como as fabulosas Descobertas realizadas cinco séculos antes, mas numa via inversa, expande-se de Portugal para o mundo, tomando todas as pessoas, cada um de nós, observadores críticos.

Como gostava de afirmar o filósofo Agostinho da Silva, Portugal significou a expansão marítima planetária a partir do século XV; agora, cinco séculos passados, o país se torna, uma vez mais, interface do mundo - desta vez sendo singularidade que, como um pulsar, expande-se novamente, mas

num sentido diferente, enquanto ideias e livre pensar.

Mas, há ainda mais uma ideia sobre este projeto.

Boa parte dos filhos acredita que os pais são geniais. Isso acontece porque é a realidade.

Por outro lado, também é verdade que há filhos que jamais chegam a conhecer verdadeiramente os seus pais e, naturalmente, há exceções de pais que não são geniais. Mas são exceções, a maioria das pessoas é genial.

As crianças acreditam mais facilmente na genialidade dos pais não porque são menos capazes do que eles. Os pais possuem mais repertório, é um facto, mas as crianças são mais abertas e mais rápidas. Elas assim acreditam porque estão mais próximas deles e são inteligentes para o perceber. Com o tempo, gradualmente, vamos nos fechando nas rotinas das nossas vidas, apagando lentamente para o humano e para o mundo.

Se fôssemos capazes de conhecer conhecer mais profundamente as pessoas seguramente nos apaixonaríamos muito mais ao longo das nossas vidas.

Cada ser humano é um fabuloso universo.

Carl Sagan dizia que "a superfície da Terra é a praia do oceano cósmico. Nesta praia, aprendemos muito do que sabemos. Recentemente, avançamos um pouco mais, talvez até aos tornozelos, e a água nos parece convidativa. Alguma parte do nosso ser sabe que é daí que viemos. Ansiamos por voltar, e o podemos fazer, porque o cosmos também está dentro de nós. Somos feitos de matéria estelar. Somos uma forma de o cosmos se conhecer a si próprio" (...) "O nitrogénio em nosso ADN, o cálcio em nossos dentes, o ferro em nosso sangue, o carbono em nossas tortas de maçã foram produzidos no interior de estrelas em colapso. Somos feitos de matéria estelar".

Em 2019, uma equipa da Queen Mary University de Londres relatou ter detectado a presença de glicilonitrila numa proto-estrela do tipo solar conhecida como IRAS16293-2422 B, a cerca de quatrocentos e cinquenta anos-luz da Terra. Essa substância é uma molécula pré-biótica que existia antes do surgimento da vida.

Parecendo evidenciar as ideias de Sagan, esta pesquisa foi realizada com sucesso também em quatro outras instituições: o Centro de Astrobiología em Espanha, INAF-Osservatorio Astrofisico di Arcetri em Itália, o European Southern Observatory e o Harvard-Smithsonian Center for Astrophysics nos Estados Unidos.

Como dizia Carl Sagan, o Cosmos está em nós. O humano é o que existe de mais importante nas nossas vidas.

Quando nos conhecermos mais, compreendermos melhor o desígnio do humano, quando a maioria de nós for capaz de desenhar os seus próprios limites, todos os grandes conflitos sociais e ambientais estarão automaticamente resolvidos.

Emanuel Dimas de Melo Pimenta

Cascais 2020